

A CULTURA DO FUMO NO RECÔNCAVO DA BAHIA: TRADIÇÃO E MUDANÇA

Ivana Silva de Jesus¹

Resumo: *A agricultura baiana tem em suas culturas uma diversidade relevante, em especial pelo fato deste estado ter uma dimensão territorial proeminente. O Recôncavo Baiano, cenário de muitos fatos históricos importantes para o Brasil, em termos de agricultura, tem uma significância em virtude do cultivo de cana-de-açúcar, no período colonial, e também, do fumo. O presente trabalho visa abordar a importância dessa cultura no estado da Bahia e no Recôncavo Baiano, em virtude do processo de modificação que este recorte do espaço geográfico sofreu, desde a década de 40, do século XX, até o ano de 2006. Tal estudo é continuação de um trabalho já realizado sobre o Recôncavo Baiano, servindo como subsídio nos estudos relativos à economia deste estado. As mudanças ocorridas, mostrando os tempos áureos da produção fumageira, incluindo temas quantitativos e qualitativos, e também a instalação de indústrias beneficiadoras do fumo, e de outros temas relativos a sua cultura, como a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. A região do fumo na Bahia apresenta aspectos tradicionais, herdados de um longo passado, e mudanças recentes, resultantes da nova inserção regional no contexto nacional e internacional.*

Palavras-chave: Fumo; Produção; Bahia.

INTRODUÇÃO

Produtos como a cana-de-açúcar, sisal, cacau, mamona, tiveram sempre um destaque na produção agrícola, mesmo com altos e baixos, ao longo dos anos, e a lavoura do fumo acompanhou esta trajetória, desde as primeiras fases da colonização. Todos eles foram responsáveis por importantes configurações regionais, ou seja, pela formação e consolidação da região canavieira, da região fumageira, da região cacauzeira, etc.

Neste trabalho, objetiva-se analisar a atividade fumageira na Bahia e no Recôncavo Baiano, nos últimos anos, fazendo, em alguns momentos, alusões ao início da produção no período colonial e apontar a evolução da cultura de fumo na Bahia e no Recôncavo, com base nos censos agropecuários.

Pretende-se indicar como a produção fumageira influenciou na produção do espaço geográfico, tanto na sua paisagem como nas relações estabelecidas, demonstrando, através de dados atuais, o que vem ocorrendo na atividade fumageira, após o fechamento das principais empresas responsáveis, Suerdieck e Dannemman (sede em Maragogipe), encerrando um longo ciclo tradicional.

A PESQUISA

Na pesquisa foram utilizadas fontes de cunho analógico e digital, encontradas em documentos como censos demográficos e agropecuários, anuários estatísticos, e referências com informações quantitativas e qualitativas.

¹ Licenciada e Bacharelada do curso de Geografia da Universidade Federal da Bahia, bolsista de iniciação científica do CNPq; e-mail: ivanaufba@yahoo.com.br. Orientador: Prof^o Sylvio Bandeira de Mello e Silva.

Tais pesquisas foram realizadas em bibliotecas públicas de órgãos como o IBGE, bibliotecas privadas e virtuais, sítios da internet e pesquisa de campo, principalmente no município de Maragogipe, com entrevistas e aplicação de questionários.

A análise dos dados foi feita através de procedimentos estatísticos, constando de tabelas e gráficos, e cartográficos, cruzando sempre com as informações adquiridas na pesquisa de campo.

Em sua maioria, a produção de fumo está no Sul do país (tabela 1), com cerca de 96% do granel colhido. O restante, 4%, estão na Bahia, Sergipe, Alagoas, São Paulo, Ceará e Paraíba. No Sul, o cultivo do fumo é para a fabricação de cigarros, e já no Nordeste, a cultura é destinada especialmente para a indústria de charutos.

Tabela 1. Área, Produção e Produtividade nos Principais Estados - 04/05.

ESTADO	ÁREA (ha.)	PRODUÇÃO (t)	PRODUTIVIDADE (kg/ha.)
Rio Grande do Sul	241.808	426.615	1.764
Santa Catarina	150.832	277.520	1.840
Paraná	73.844	146.267	1.991
Alagoas	17.000	18.700	1.100
Bahia	12.088	11.237	930
Outros	2.570	3.071	1.195
Total (Brasil)	498.142	883.410	1.774

Fonte: http://www.pr.gov.br/seab/fumo_04082005.pdf, acessado em 1º março de 2007.

O fumo escuro (utilizado na preparação de charutos e cigarrilhas) é produzido nos estados de Alagoas e Bahia, segundo principal produtor. Mas é na Bahia que se faz exclusivamente a produção de charutos (foto 1), no Brasil. A produção de tabaco na Bahia é dividida em 5 tipos (figura 2): caatinga, mata norte, mata São Gonçalo, mata fina e mata sul.

Foto 1. Produção de charutos em Maragogipe - Bahia.



Fonte: pesquisa de campo, 2006.

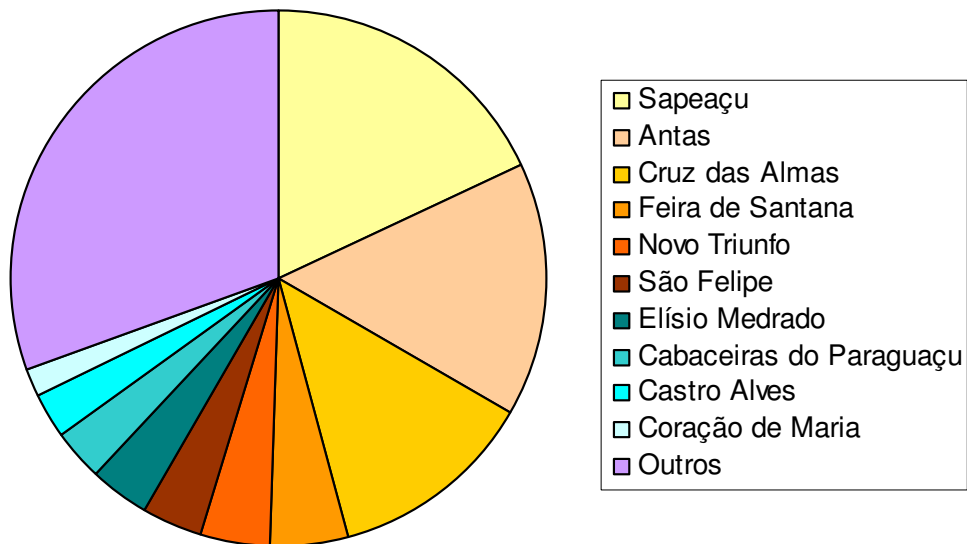
Figura 2. Produção de Tabaco na Bahia.



Fonte: Jornal A Tarde, 2006.
Adaptado pela autora, 2007.

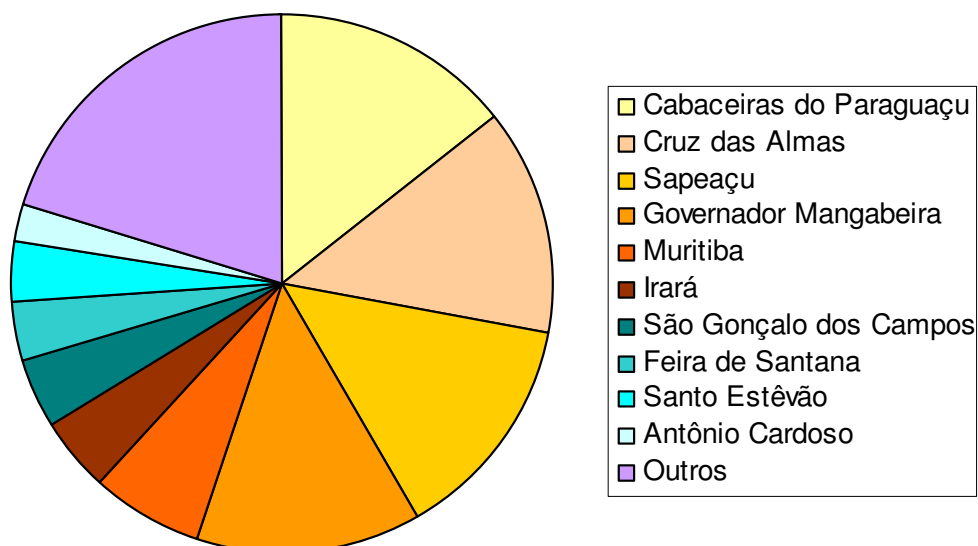
De qualquer maneira, as modificações na produção de fumo iriam afetar a configuração espacial desta lavoura no território baiano. Entre os anos de 1990 e 2005 (figuras 3 e 4), a liderança na produção se alterou, diminuindo o número de municípios produtores, ao passo que a quantidade na produção aumentou, mesmo que timidamente.

Figura 3. Bahia
Dez maiores municípios produtores de fumo – 1990



Fonte: IBGE. Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) – 1990-2005.
Elaboração: Autora, 2007

Figura 4. Bahia
Dez maiores municípios produtores de fumo – 2005



Fonte: IBGE. Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) – 1990-2005.
Elaboração: Autora, 2007

Os resultados apontam para uma persistência das características tradicionais e, em menor escala, para a introdução de inovações, trazidas, em alguns exemplos, por investimentos externos. Segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil – AFUBRA, o número de famílias

que se dedica ao cultivo de fumo cresceu em 111% nos últimos 25 anos, a área plantada em 191% e a produção alcançou o índice de 209%. Como é uma atividade típica de agricultura familiar e de pequenas propriedades, a sua exploração já se faz presente em mais de 700 municípios brasileiros.

Em relação à tradição, a Bahia constitui-se enquanto berço da cultura fumageira no Brasil, explorada desde a época colonial, e com a produção de charutos iniciada no Recôncavo em meados do século XIX.

Essa produção servia de sustentáculo empregatício de municípios como Cachoeira, Maragogipe e São Félix e foi responsável por costumes, comportamentos, relações econômicas, sociais e políticas. Mesmo sendo uma cultura de certa magnitude, sempre esteve relacionada ao cultivo da cana-de-açúcar (cultura ancilar), servindo como moeda de câmbio, para a compra de escravos, integrada ao mercado internacional, e como alternativa à *plantation*.

A produção era chefiada pelas indústrias Danneman (quando sediada no município de Maragogipe) e Suerdieck, que empregavam em torno de 5.000 funcionários. A Bahia especializou-se na produção de fumo para charutos. Concomitante ao fechamento dessas indústrias, mudanças ocorreram.

Também, a comercialização interna foi reorientada para concentração e especialização, seguindo a lógica do capital. A partir de 1960 a crise predomina em virtude da oferta do fumo mundial. Os baixos níveis de renda, produtividade e qualidade do produto levam à elevação no preço das terras (CONDER, 1974). Com isso, a pequena produção familiar passa por um processo de subordinação/expropriação/exploração (PINTO, 1998), aparecendo também formas de renda agrícola: renda-trabalho, renda-produto, renda-dinheiro. Surge então a figura do trapicheiro: financiador da produção (PINTO, 1998).

Há uma pequena reação na década de 80, logo interrompida na década de 90, contextualizada também na diferença entre fumo produzido pelos fazendeiros e o das próprias fábricas. Por ser uma atividade manufaturada, a mão-de-obra feminina é predominante.

A atividade fumageira na Bahia é essencialmente familiar. Ela envolve cerca de 15 mil produtores, sendo em torno de sete mil ativos e oito mil ocasionais. Ao todo, a atividade beneficia mais de cem mil pessoas no estado. A razoável rentabilidade que essa atividade secular oferece e a falta de algumas alternativas para produção, mesmo em pequenas áreas, aliada ao manejo racional da terra, é apontada como o principal motivo que leva os produtores de fumo a se manterem com a atividade, apesar das diversas crises econômicas brasileiras das últimas décadas.

O Recôncavo preserva uma paisagem caracterizada por rugosidades (Santos, 1995), representada pelas ruínas da Danneman e Suerdieck. No caso do município de Maragogipe, existe uma fábrica de charutos, a Matheó Charutos, dentro das ruínas da Suerdieck, que serve de exemplo para o atual cenário da produção fumageira no Recôncavo.

De acordo com a pesquisa de campo, esta fábrica produz cerca de 3.000 charutos por dia. E o processo inclui as seguintes etapas: enrolar o fumo, cortar as pontas do charuto ou cigarrilha, plastificação e colocação do anel. As funções dos funcionários (maioria de mulheres) são: capeadora, capoteiro e balconista, e todos recebem 1 salário mínimo. Muitas funcionárias trabalham em casa e ganham por produção (em torno de R\$ 120,00 por quinzena). Existe também uma fábrica de caixa de charutos, que já existia na época de funcionamento da Suerdieck/Danneman. Os entrevistados são filhos ou netos de pessoas que trabalharam na atividade fumageira.

Tal panorama da produção fumageira no território baiano demonstra uma mudança tanto na escala desta produção, quanto na quantidade de agentes inseridos. A quantidade de empresas ligadas aos produtos do fumo revela que ainda é uma atividade de significativa importância, que

vai desde a esfera econômica, até à cultural, porque toca nas questões de modo de vida de uma população que teve no fumo seu principal meio de subsistência, mesmo se tratando de uma cultura temporária.

Portanto, dentro de todas as mudanças que ocorreram acerca da atividade, especialmente em relação às novas visões sobre a cultura do tabaco e seus rebatimentos no tabagismo, na saúde das populações, deve-se buscar alternativas para que a economia não seja atingida negativamente, tanto na balança comercial do Estado, que tangencia os grandes empresários e grandes beneficiadores do fumo, mas principalmente os agricultores familiares, que não fazem parte diretamente e nem têm acesso ao grande capital, sendo, conseqüentemente, os maiores prejudicados.

REFERÊNCIAS

BARICKMAN, B. J. **Um Contraponto Baiano: Açúcar, Fumo, Mandioca e Escravidão no Recôncavo 1780-1860.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 445 p., il.

BRANDÃO, M. de A. **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998, 260 p.

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES. **Informações Básicas dos Municípios Baianos: Recôncavo Sul.** Salvador: Centro de Estatística e Informações, 1994, v. 8, 695 p., il.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR. **Estratégia de desenvolvimento agropecuário do Recôncavo Baiano.** Salvador: CONDER, 1974, 141 p.

JORNAL A TARDE. Caderno Economia, de 22/05/2006. Página 21-22.

LOPES, G. A. **Caminhos e descaminhos do tabaco na economia colonial.** In: Dossiê Cultura e Sociedade na América Portuguesa Colonial, v.5, n. 12, out./nov.2004.

NASCIMENTO, G. F. do. **Potencial organizativo dos trabalhadores do complexo agroindustrial fumageiro do Recôncavo Baiano.** 1996. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias)- Universidade Federal da Bahia, Cruz das Almas, 1996.

OLALDE, A. R.; BAIARDE, A. **Dimensão Científico-tecnológica: Recôncavo Sul.** Salvador: CAR, 2002. 102 p., il.

PINTO, L. A. C. **Recôncavo.** Salvador: Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia, 1970.

SANTANA, C. D'A. **Dimensão histórico-cultural** (cidades do Recôncavo). Salvador: CAR, 2002. 120 p., il. (cadernos CAR, 26).

SANTOS, M. **A rede urbana do Recôncavo.** Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959, 38 p., Il.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: HUCITEC, 5ª ed., 1995.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Anuário Estatístico da Bahia.** Salvador: SEI 1983.

www.sei.ba.gov.br, acessado em 15 de agosto de 2006.

http://www.pr.gov.br/seab/fumo_04082005.pdf, acessado em 1º março de 2007.